



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 382 — Preço 1\$00
1 DE NOVEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FACETAS DUMA VIDA

O CANTADOR

Oh! mas não ficavam por aqui os bons ofícios do cantador; também botava lóas às conversadas.

Os interessados falavam-lhe de antemão; contavam-lhe o curso do namoro; os pontos sensíveis em que devia tocar e ele, o cantador, fiel à confidência, cantava em trovas discretas os desejos do pretendente, fora das portas da casa, debaixo da janelinha do sobrado, num luar brilhante de Janeiro.

Oh! como a voz do cantador retinava por aquelas redondezas, nas noites mansas de luar sereno!

A Sofia do Pugeiro morava no nosso lugar, numa casita branca e alegre como ela, lá no fundo do caminho, perdida entre os ramos dos carvalhos, numa grande devêsa: — e tinha festas quase todos os sábados, esta interessante rapariga.

O pretendente, muito brioso e muito resolvido, escolhia tocadores de jama e queria a festa bem aparelhada: — viola, harmónica, rebeca, ferrinhos e tambor. Uma vez ouvi o cantador assim:

«Não sei como não cai, Quando passei ao regato; Como tens tu, ó Sofia, Um coração tão ingrato.»

Do «Lume Novo»
N.º 10—Junho de 1929
(Continuação)

E logo o outro vai:

«Como tens tu, ó Sofia, Tão injusto coração. Que pagas tanto carinho Com tanta ingratidão.»

Mas estas festas também têm o seu protocolo. Se a festejada não acender a candeia, quer dizer que não aceitou a festa e ao



Madeira A primeira casa minha é no Funchal. Por mãos do pároco da Sé tomamos a direcção do Lazareto. O carro despeja-nos a meio da encosta verdejante, refrescada pelo mar vizinho. Metros andados, topamos com o grupo

contrário, se a acende, o moço, no domingo seguinte espera-a à porta da Igreja e acompanha-a até casa, ambos com o melhor fado, com os melhores modos e com as melhores esperanças!

xxx

Era assim o cantador. Como eu gosto deste nome, — o cantador! Que linda profissão para qualquer de nós! Cantador!

Cantar, sem viver de cantigas! Que linda profissão para qualquer de nós, digo!

Eu tinha vivido de cantigas; primeiro no regaço quente da minha mãe; mais tarde no sorriso fagueiro do mundo; e agora, que não vivo de cantigas, sou cantador! Sou o cantador. «Misericórdias domini in aeternum cantabo.»

FREI JUNIPERO

Os anos de Pai Américo

DA 23 de Outubro. Os últimos dois anos ele já nos habituara à sua ausência física, para que fôssemos aprendendo a senti-lo sem no ter ao pé.

Agora está um nadinha mais longe... ou mais perto... — que ele já passou para além do espaço e do tempo! Agora é simplesmente entre nós, sem nunca deixar de estar.

A sua festa de anos foi, pois, a festa familiar do costume. Todos reunidos em volta do altar (Nestes, incluído o nosso Pessoal de todos os dias). Uma refeição melhorada. O jantar aos Pobres da Conferência. Teatro — a vida complicou-se e não houve tempo de o ensaiar. Em vez dele vai uma sessão de televisão, «só para ver como é», com um dos televisores que tanto têm dado que falar, conforme digo em «Do que nós necessitamos».

Agora, agora mesmo, um novo número, imprevisto. Batem-me à porta do escritório, muito delicadamente. É aquele pobre Pai do pequenito da Sobreira, que foi para Pai Américo o toque do futuro «pavilhão do irrecoverável» em Beire, ou onde Deus quizer.

É uma gente sem malícia. Pobres, só de dinheiro e de saúde. Que o sentido da vergonha, da dignidade, da gratidão, têm-no como raros.

As suas mãos tremiam. Os seus olhos embaciados. Ele é asmático e fraquíssimo. Tem a doença escrita no rosto. O «Desemprego» arranja-lhe umas obras para apontar; mas tão longe... Ele tem, de tempos melhores, uma bicicleta a pedal... «Mas eu não posso, não tenho força para pedalar, Snr. Padre.»

Acabava de aparecer uma bicicleta a motor em 2.ª mão. O Pároco, que é verdadeiramente Pai do seu rebanho, mandou-a ver por um entendido e, como valesse a pena, arranjou-lhe quanto pôde: 1350\$00. Ele despejou a carteira e entregou-mos. Eram mais umas moedas que eu mandei guardar. «E agora, Snr. Padre? Falta mais de outro tanto...»

Antes, uns visitantes que se tinham regalado durante o jantar dos nossos Pobres, vieram por aqui desobrigar-se.

Migalhas, com certeza migalhas preciosas. Eu ainda não entregara o dinheiro do correio ao Manuel Pinto. Se nós fôramos uma obra de Deve e Haver por matemática... Assim..., nem tinha entregue, nem lho entreguei. Pedí-lhe mas foi ainda um pouquinho mais e o nosso homem foi direitinho ao da bicicleta a motor, fazê-la sua, para poder, enfim, aproveitar o trabalho que o «Desemprego» lhe oferecia.

Agora já não eram olhos embaciados. As lágrimas corriam em catadupas. «É o dia mais feliz da minha vida». «Eu nunca tive tanto dinheiro em minha mão».

Bem mais feliz do que ele era eu — bendito sejas meu Senhor e meu Deus!

O homem foi e eu volto à nossa festa. Este ano outra se lhe juntou, ou antes, a engrandeceu. Foi o casamento do Fonseca. Ele escolheu o dia dos anos do Pai. Escolheu muito bem. A Missa houve até de ser mais tarde por causa dos seus convidados.

Fonseca tinha-se preparado muito bem. Uns dias antes eu tive de o proibir de pensar mais no grande passo. Ele sabia bem o que ia fazer. Medira as suas forças e, tanto quanto pôde e soube, ajudou-a também a preparar-se. Os últimos dias foi só encomendar-se e recomendar-se à infinita misericórdia do Pai Celestial. Pai Américo está também de vela.

Fonseca é bom rapaz e cuida que a Maria Amélia é boa rapariga. Espero que não de cumprir e ser felizes.

Continua na página QUATRO

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Atenção à circular que vai dentro!

Vai dentro deste número uma circular da Campanha de Assinaturas. O que ela diz todos entendem. Por isso, hoje, pouco mais teríamos a acrescentar se não fosse costume registar o acontecimento.

Atenção, pois, senhores leitores do Continente, das Ilhas, de África, da América, da Ásia e Oceania. Atenção todos — seja qual for a altitude ou latitude onde se encontram. «O Gaiato» espera por toda a gente. Ninguém pode ficar quietinho em casa. E saiam para a rua dispostos a ouvir o sim e o não. Faça chuva, faça vento.

Assinantes prá frente. O visinho, o amigo, o colega de trabalho. Não importa a cor, o credo, a política. Todos somos filhos do mesmo Pai que está nos Céus. Cristo veio por todos e cada um. «O Gaiato» vive de Cristo e por Cristo. Foi sempre assim. E assim continua e continuará.

«Evangelho em pilulas» classificou alguém, em algures, o nosso jornal. Verdade! Na classificação humana como na divina, estômagos vazios requerem, primeiro, alimento doseado. Ora o mundo anda tão farto de indigestões e tão penoso de Alimento que só em pilulas.

Vamos prá frente, senhores. Prá frente sem perda de tempo. O mundo está à nossa espera. O mundo anda sedento de Cristo Vivo. E quantos mais assinantes pró Gaiato menos miséria e mais Amor. Só assim se conquista a Paz. Pelas armas, não!

Júlio Mendes

Cont. na pág. QUATRO

Da que nós necessitamos

Mais dois televisores. Foi assim: Um dia pergunta para cá um grande Amigo: — Têm aí televisão?... Eu disse que nem aqui, nem em nenhuma outra Casa do Gaiato e por isso, se ele concordasse, o receptor iria para a Casa mais isolada, Setúbal...

Dias depois, aparecem aqui dois televisores. Ó trabalho! É que depois de Setúbal, há outra Casa onde a televisão faz muito jeito. É o Tojal. E eu fui por aí fora agradecer e pedir concordância para que o segundo fosse para Casa do Tojal. «Sim senhor!»

Ora os senhores não queiram saber o que foi por aí de beicão caída por dois televisores muito bem guardados e com guia de marcha, um para Setúbal, outro para Tojal! Os senhores tenham pena de mim e olhem que só faltam mais três Casas do Gaiato sem televisão! A derradeira é esta, que sempre é a mais bem provida de diversões e por isso deve esperar pelas outras: Beire e Miranda do Corvo. O senhores tenham pena e acudam! Mas perguntem primeiro, que nós só precisamos de mais três televisores!

Mais 47\$80 do Pessoal duma oficina que acabou e 5\$ para o Barredo «por alma do Santo Padre». Cem vezes: mais pró mesmo fim.

Oiçam! Legendas de heroísmo! «Os meus 5 primeiros dias de trabalho, pois estava desempregado há 22 meses». Dentro do sobrescrito estavam 274\$70.

A assinante 13.582 prós Pobres do Barredo. É useira!

Uma Maria do Céu que apoia no Céu, realizável aqui na Terra só pela Caridade, a ventura dos seus filhos. «Aí vão 100\$ pelo nascimento do meu filho e por ter tido boa hora. Para o próximo mês enviar-vos-ei igual quantia pela saúde de uma filhinha».

Cem do assinante 19977, «pela alma do marido». Mais sufrágios, pedidos pela Maria Victória, e pela «desolada» A. N.» e pela Margarida, da Feira. Restos de assinaturas-vários. Dos Grupos «Bem-Fazer» de Cedofeita e Nevogilde, 103\$50. E uma componente destes grupos, «por ter passado o exame de Cálculo».

Agora são alguns que se impuseram amorosamente uma contribuição mensal. M. I., de Gaia, manda 100\$, «respeitante aos meses de Junho a Outubro, inclusivos». E o Fernando da Alha e o Manuel do Porto, também com 20\$ cada.

Agora são promessas! 50\$ da Marinha Grande e o dobro de Tomar.

Por graças recebidas aparecem muitos: Felizes dos que conhecem a preciosa virtude da gratidão! 260 de Gaia, 30\$ não sei donde; e a Adélia com 20\$; e o mesmo de António para «um pobre doente, se possível de doença cancerosa», 50\$. É do Porto; uma filha preocupada com a saúde da Mãe. E estudantes, ou mães deles, agradecendo o êxito escolar; S. João da Madeira com 20\$; a assinante 8.871 com roupas, «mais umas coisitas insignificantes». (Foi-se a ver eram tudo recordações amorosas para uma Mãe e sacrificadas à utili-

dade dos nossos filhos. «Coisas loucas os — «...que eu não sei qual o verdadeiro é capaz de dizer assim; e finalmente, V. S. C. de Lisboa com não sei quê.

Ilhavo aparece com 60\$ e torna a aparecer por intermédio do «O Ilhavense». Um construtor civil, de Gaia, manda 750\$.

Outra vez Barredo: Ele rebuçados pró Snr. Padre Manuel levar (eu cá parece-me que há cá quem dê por eles e quem os prove antes de chegarem ao Barredo!); ele 100\$ para uma renda, da assinante 15.033. E mais Pobres: É a viúva dos 8 filhos, mês após mês, perverantemente socorrida pelo Abílio, do Porto. Cem escudos que foram achados por um Guarda Fiscal e que aí vêm dar mandados do Porto. O dobro «para o que for mais necessário» da assinante 25.635. Tudo cá tem chegado em boa ordem, descanse! E a décima parte de Vila Verde (Seia). O mesmo de duas «devotas» empregadas da Fábrica de Malhas Gazela, de Aveiro.

Outra vez 100\$ do José Manuel e Luís Manuel e metade da Figueira da Foz com promessa «de enviar todos os meses que passar a trabalhar na minha terra». A devoção de uma alma onde a Justiça é uma realidade viva! Agora são dois gritos de alma: «Do mês de Outubro de 1958. Senhor Padre, por favor um Pai Nosso; e um pescador de

tão expressivas as palavras de um que foi nosso durante muitos anos e ainda agora, «lá por estar ausentado desse lar familiar», está «sempre com ele».

Esta carta é uma pequenina amostra, sim, mas é um fruto da grande Árvore que Pai Américo enraizou no dia em que ouviu o convite ao «abnegat semetipum», e tendo compreendido, divinamente, que ab+negatio significa a negação da negação — portanto, afirmação — se abnegou mesmo, deixou tudo e todos e se deixou também, tomando sobre si a Cruz do Mestre.

Daí a fecundidade da Árvore que tem uma tal raiz e se alimenta da seiva que Deus dá.

A raiz é Pai Américo; a Árvore a Obra da Rua; os frutos são o Manuel Durães e muitos outros, louvado seja Deus!, que, como este, têm dito e hão-de dizer pelo tempo em fora:

«Tenciono dar ao meu filho, aquilo que recebi dele; isto é, ensinar-lhe a educação que outrora, ouvi da sua misteriosa boca».

Manuel Cruz Durães

Eu estou escrevendo o Famoso no dia dos anos do Pai Américo... Talvez por isso, do clima que hoje, particularmente, se respira, me pareçam

Matozinhos com 150\$ e «reze uma oração para que eu tenha sempre sorte».

Bendito seja Deus!

E acabo com os aumentos de vencimentos ou primícias de ordenado: 40\$; 1100\$, «devido à promoção de meu Marido, rogando o favor de uma oração por nós. Muito obrigado. M. C.»; e 600\$, referente ao primeiro mês de vencimento, mais isto:

«É sempre para mim um grande prazer espiritual lêr o «Gaiato», sinto-me depois mais reconfortado, sinto-me melhor. E, é uma consolação ver que, neste período de egoísmo e rancores, ainda hajam pessoas que se lembrem dos protegidos, que se sacrificarem por eles, e que levem outros, pelo contágio, a também darem umas migalhas do muito ou pouco que usufruem.

Estive largos anos sem beneficiar desta importância e, acho que, tanto os meus como eu, poderemos durante mais um mês prescindir da mesma, dando-a a «sa benemérita Obra que tantos seres tem arrancado às prisões, hospitais e sanatórios para os transformar em homens úteis à sociedade. No Organismo onde trabalho, existem três antigos educandos da vossa Casa.

Desejaria se fosse possível, pedir um «Padre Nosso» por alma de meu Pai. Muito obrigada».

Como o Reino de Deus seria largo, se os seus cidadãos procurassem, à semelhança deste, primeiro que tudo, acima de tudo, a Sua Justiça!



Uma Carta

«Senhor Padre Carlos: É uma alegria para mim, comunicar-lhe que a minha esposa teve um menino, no dia 12 do mês corrente pelas 15 horas.

Agora! que sou pai; cumpre-me pedir a Deus que me ajude, para que nada lhe falte.

Também peço ao Snr. Padre Carlos, mais este favor, sendo ele; pedir ao nosso querido Pai Américo que não se esqueça de mim, porque eu lá por estar ausentado desse lar familiar, estou sempre com ele.

Tenciono dar ao meu filho; aquilo que recebi dele; isto é, ensinar-lhe a educação que outrora, ouvi da sua misteriosa boca.

Peço ao Snr. Padre Carlos se não se aborreça de vir no no dia 25 deste mês, para baptisar o meu filho, pois eu tinha muito gosto que viesse.

Sem mais, envio um grande abraço ao meu amigo Snr. Padre Carlos, e subscrevo com toda a consideração e respeito.

Cumprimentos de minha esposa.

Manuel Cruz Durães

Eu estou escrevendo o Famoso no dia dos anos do Pai Américo... Talvez por isso, do clima que hoje, particularmente, se respira, me pareçam



Esta coluna vem sendo desde há quatro anos uma promessa que o Povo bom tomou em suas mãos, cheio de carinho e que tem ajudado com uma devoção digna do Lugar e do Nome que Pai Américo escolheu para a sua Obra novíssima.

Nós quisemos que o 1.º aniversário da sua partida para o Céu fosse marcado pelo começo desta Obra. E foi. Porém, quase simbolicamente, que a falta de um padre sempre presente tornava inviável um funcionamento de regime.

Entretanto foram-se completando as instalações, quer da Casa do Gaiato com sua parte agrícola, quer do Calvário, que eram ao tempo insuficientes.

A hora do Calvário ser uma realidade viva chegou agora. O próximo mês de Novembro, se Deus quiser, verá chegar, primeiro os rapazes que das outras Casas do Gaiato irão povoar a de Beire, depois os doentes que se irão juntar ao Alfredo e ao Snr. Teixeira, os dois sobreviventes dos fundadores do Calvário, enquanto o Edmaro não regressa também do Sanatório do Outão, onde se espera que os médicos e o sol e o mar e, sobretudo, a Caridade das queridas Missionárias de Maria consigam endireitar-lhe um nadinha mais o corpo mirrado e torcido.

E, para não quebrar a tradição das outras casas, a próxima Festa do SS.mo Nome de Jesus, que não vem muito longe, será a inauguração oficial destas duas.

Eu dou graças a Deus por tudo e ainda por poder ceder a minha vez de crônista da vossa generosidade a outro, que terá, para alimentar o diálogo com os leitores amigos, os casos variados que a vida instalada na Casa do Gaiato de Beire e no Calvário há-de suscitar.

Um pedido mais. Como a vida de Beire se emancipa da de Paço de Sousa, doravante, todas as ofertas e toda a correspondência para o Calvário devem ser-lhes dirigidas para Beire — Paredes.

x x x

O Calvário tem de há muito os seus comensais. Eu chamo-lhes assim, não porque eles se sentem à sua mesa, mas porque a alimentam em sociedade anónima, com uma perseverança amorosa, mês após mês.

«Ninguém», por duas vezes, com os 20 do mês + 5\$ «do mês que me atrazei.» Uma dívida que se vai solvendo! Dez vezes mais das Pedras Rubras. Agora é Lisboa, a assinante 13582 com 50\$ e outro tanto pró Barredo. A continha de Setembro cá chegou a seu tempo! Um vicentino de Paranhos inicia agora a marcha que não espera interromper: «Cinquenta escudos como início da minha desobriga, operando que o nosso Pai do Céu me conceda a graça do verdadeiro espírito vicentino». E a «dedicada Emília» com o dobro; e o mesmo «de quem muito quer à Obra»; e outra vez o mesmo de «uma humilde Portuense»; idem de «Um Amigo dos Pobres»; e ain-

da idem da Senhora da Casa «Ouvi-me Senhor». «Uma portuense qualquer», que nada fica a dever em humildade à «humilde portuense», manda a «migalhinha» habitual de 20\$ e a sua satisfação porque a «Obra da Rua está enriquecida com a entrada de mais um Padre». Pois é ele que torna possível o funcionamento de Beire. Outro tanto «duma doente para doentes» com desculpa; pelo atrazo, «mas cá estou cumprindo o meu dever, como eu lhe chamo». Outra vez 20, por três vezes, do «Peccator».

E agora é outro «Ninguém de Valongo» que me parece não ser o mesmo que vem à cabeça desta lista, com 100\$ e um boné e revistas prós vicentinos distribuírem.

Segue a longa lista dos que aparecem e tornam e tornam a tornar, mas sem a regularidade dos anteriores.

Começo por uma Maria Augusta, do Porto, que se lamenta de ter deixado de receber o jornal, mas como não diz nome completo nem morada não podemos remediar. Se ela vir esta notícia que dê sinal de vida.

50, da Maria Victória; 150 + 350 do Alvarinho. Cem «pela felicidade de uma irmã que vai casar e 20 mais «perdão por ser pouco. Sou pobre».

Restos de assinaturas. Tudo que foi dar ao Depósito nos Clérigos 54, mai; ao Lar do Porto. Vários donativos «para o que julgar mais necessário» e que foram atribuídos a esta necessidade...

Duzentos e «Preciso de orações para melhorar dos padecimentos. Juntai as vosras às minhas».

Cem do conhecido Abílio e cinco vezes mais do assinante 2741. Um vale de correio «para reforçar a verba destinada ao Calvário», dos «Amigos do Gaiato». Mais 500\$ dum Patrício e dez vezes menos da Maria do Sameiro, «cumprindo uma promessa». Cem da assinante 29992 e 40\$ de Braga e outra vez 40\$ da Maria Adelaide e 50\$00 de Quinga — Moçambique. 20\$ de um «assinante da casa dos 100»; 100\$ da Ana Maria, de Vila Real; e 50\$ de C. B. P., que cá chegou tal como das outras vezes. E 700\$ «dum aumento de ordenado».

UM PEDIDO

O telefone tocou. De lá, é uma voz feminina. Uma Vicentina aflita pelos seus Pobres: «Tenho um caso de miséria que resolvo se me oferecerem um aparelho pró surdez. É para um homem que enlouqueceu. Mas, agora, está curado. E não arranja trabalho porque é surdo. Já bati a muitas portas. Escrevi prós jornais. Nada! Lembrei-me do Gaiato, — a minha única esperança».

Aparelho novo, usado, não importa. Ele resolve «um caso de miséria». Quem levanta o dedo?

Visado pela
Comissão de Censura



A Senhora Adorinda não estava. Tive pena de não a encontrar. É uma mulher feliz. «O meu único desejo é cumprir a vontade de Deus. Isto me basta para ser feliz». Não explico doutro modo a boa disposição da Ti Adorinda.

Descendo a rua das Musas, como de costume, entrei na dos Mercadores. Comigo um dos Mercadores. Quando lhe falei se queria ir comigo ao Barredo, disse logo que sim. Dele já tinha ouvido falar muitas vezes mas não o conhecia.

Cá em cima, uma tarde de sol a escaudar. Lá em baixo, o lagoado húmido e frio, sempre perigoso para os desprevenidos.

Olhava de vez em quando, para o seu rosto de criança ainda. Não dizia nada. O semblante era triste. Começava a sentir e a viver a dor e a angustia dos pobres do Barredo. «Ah! Tanta miséria. Não pensava que fosse assim». Ainda não vira nada e para ele já era muito. E quando penetrasse no interior? Quando subisse a um quarto andar, dando passadas falsas aqui e além, na escuridão, a ouvir os gemidos de crianças da sua idade?

Vi-o tão feliz a distribuir pelos pequenos dos rapazes que haviam chegado na véspera! Que não falem nunca. Os olhares deles vão direitinhos à pasta que vai comigo.

Sempre que vou ao Barredo procuro eontar como as coisas se passam. Oigo os desabafos, faço-os meus e quero que sejam teus. Sempre o mesmo? Enquanto não surgir a solução, hei-de ouvir falar das rendas de casa pesadíssimas e injustas; da falta de trabalho de muitos chefes de família; da miséria material e moral—que estas andam sempre de mãos dadas; das casas de pehores a viver à custa do sangue dos pobres; de magotes de crianças a vadiar pelas ruas, por falta de casa. E também de heroísmos de que só as almas grandes são capazes.

A Ti Joaquininha lá estava no seu leito de dor. «Sofro muito, muito, mas estou conformada com a vontade de Deus». Aqueloutra que já foi peixeira e agora não porque parálitica de todo o lado esquerdo. «Estou para aqui até quando Deus quiser. O que me vale são as vizinhas senão já tinha morrido. De mim nada posso fazer». Ali perto morava a Maia Amélia. Já morreu. A Ti Filomena também morreu —foi a primeira notícia que me deram na rua dos Mercadores. Deus, na sua misericórdia, vai chamando a Si estas almas que vão consumando dia a dia, o seu martírio lento mas doloroso. «Quem me dera que Ele me levasse». Não é desespero. «Estarei até quando Deus quiser».

De embrulho na mão, passos apressados, rosto contraído pela angústia, alguém descia a rua de Baixo. Poisa a mão e mansinho no meu ombro e segreda: — «vou ao penhorista; quero pagar a renda e não

tenho dinheiro». Naquele momento não pude embargar-lhe os passos. Estava uma tarde quente. Mas o inverno há-de clamar, a altos gritos, por aqueles pobres farrapos. Venho cheio de recados. Sôzinho não os posso cumprir. Peço a tua mão na certeza de que não faltarás. Olha, é aquela surda, sentada à porta da mansarda, à espera de quem lhe acuda. Não fixei o número nem o nome da rua. Lá dentro, duas enxergas, em quatro tábuas velhas e carcomidas. Dormem ali a avó, filha e não sei quantos netinhos. Não perguntei pelo pai deles. Tive medo de ouvir aquela palavra terrível —são filhos de pai incógnito. É um tormento quando se deitam. No quarto andar do N.º 18 dos Mercadores também era assim. Agora não. É um regalo ver as duas camas novas com

que um grupo de bem fazer do Porto quis mimosar aqueles corpos inocentes. E agora? Quem levanta o dedo? Não te sei dizer o nome da rua, mas sei onde fica. É fácil. Se quiseres servir-te-ei de cicerone.

E não regresses sem dar meia dúzia de passos em frente. É só entrar. Verás levantar-se um farrapo, a fingir de colcha, e por baixo o enxergão nu, com as palhas à vista, à espera de roupa. Não des nova. E ficasses de ir lá todas as semanas? A obra seria completa.

Já que meteste pés ao caminho, um nadinha à direita, bate à porta. Não tenhas receio de entrar e subir. Lá de cima, ouvirás uma voz carinhosa a dizer-te: — «cuidado que está mal seguro». Sobe sem medo. Outro farrapo a esconder a nudez da enxerga.

Não te deites nunca na tua cama fofa e quente sem reparar um pouco do teu calor pelo frio dos pobres do Barredo.

Padre Manuel António



SETUBAL

O amor materno é uma apologia dos valores humanos. Eu gosto muito do amor de mãe mais pelo que encerra de ultra-terreno do que pelo conteúdo sensível. Eu gosto mais do amor materno pelos motivos que me afligem do que pelas razões que me alegram.

Agudas dores padecemos «os padres da Rua» pelo empobrecimento desta riqueza humana. Quantas crianças, nas casa do Gaiato ou fora delas, jamais saborearam esta doçura indestrutível que lhes foi negada por aquelas que deviam temperar o amargor duma existência infeliz.

O Feijoca, outro dia, vingou-se.

Feijoca tem oito anos. É uma criança difícil. Os primeiros anos de vida foram-lhe terrivelmente prejudiciais. Não sei de pai nem de mãe.

É das «ovelhas» como ele diz. Os cordeiros têm comido tudo o que há de melhor na nossa quinta, enquanto Feijoca se tem regalado com os pinhões que «caça» nas horas da obrigação. Entendi que o pequeno devia ser castigado e eu mesmo apliquei a correção. Feijoca, agitado, vingou-se: — «Ai minha rica mãezinha. ai minha rica mãezinha». Mal ele adivinhava quanto me doía o seu chorar.

Eles, às vezes, choam por mim e, eu muito calado rejubilo. Desta vez não. Feijoca deu por falta da mãe, gritou, lançando-me no peito uma perturbação vingativa.

Carlos Alberto, fez somente um ensaio. Veio há quatro meses duma das centenas de baracas que são a nódoa negra desta cidade de belezas. Tem quatro anos. A mãe ficou inutilizada ao dá-lo à luz. Criou-se até agora, o pai faleceu pouco depois do seu nascimento. Era muito amigo da mãe e esta muito dele. Os vicentinos

dão comer, vestir e alento. A rua, como em toda a parte forneceu também o seu contributo e o Carlitos já batia na mãe.

Após quatro meses, esta veio ontem vê-lo. Encontro lindo, indiscreto. Eu fui ver, observar. Gosto tanto destas oportunidades que ensinam mais que os compendios! O menino dormia com os mais pequenos a sesta. A mãe, velhinha pela doença, de olhar vermelho, esgazado, boca ao lado, braço e perna esquerda paralisados, meia tonta, ria e chorava ao mesmo tempo, enquanto sôfrega de amor, beijava nos olhos o seu Carlitos! Amor de mãe é o sentir mais belo e mais doce da alma humana!

Cont. na página QUATRO

Há tempos, em conversa com um pai de família, com filhos a estudar, ele dizia-me do seu ponto de vista à cerca de futuro dos nossos rapazes: era muito melhor habituá-los a trabalhar e dar-lhes um ofício. A vida de estudante facilmente leva a um estado de indolência.

Achei muita razão naquele pai que vê um estado de coisas na sociedade, que ele mesmo tem medo do futuro dos seus filhos no dia de amanhã.

Eu disse dos nossos que estudam e como procuro que se formem no grande preceito de comer o pão com o suor do seu rosto. Em nada são distinguidos em casa. Este ano são dez a estudar: oito no curso liceal e dois no comercial. O Alfredo é do curso comercial nocturno; está a fazer o serviço militar e frequenta o 4.º ano. O Chico que frequenta o 6.º ano do liceu vai dois dias por quinzena vender «O Gaiato» à cidade de Leiria e tem a obrigação da limpeza de duas camaratas. Outro dia, uma companhia que o vieram visi-

Aqui, LISBOA

Eu sonhava que a Cruz de Padre da Rua fosse mais pesada, mas não tão feliz. Julgava que a maior felicidade era só poder ter uma recompensa grande por um trabalho esgotante, feito por amor de Deus. O trabalho é esgotante, a Cruz é pesada, mas não tiram a felicidade. Deus está a amparar-nos os passos e a resolver as dificuldades. Ainda agora não sei como. Ainda agora amanhã. A Sr.ª da cozinha e rouparia caiu doente. As dores de cabeça não a deixam mais a dor da Mãe que não pode ter roupa lavada, remendada e passada, para vestir cento e tal rapazes no Domingo. Uma das Professoras tem Pai e Mãe cancerosos com a vida presa por dias. A outra passou a enfermeira e dona de casa por Caridade. Dois dos nossos rapazes estão doentes: o mais pequenino com escaur-latina. Dois homens do campo impossibilitados. A nossa lavoura, atrozada.

E é a água que nos faz falta e tem de chegar para nós e para a freguesia de quem a Câmara não cuida; e a energia que nos estraga os motores e deixa a nossa mesa sem pão porque o moíno não trabalha. Alguns casos difíceis de rapazes difíceis. Mais o caso de cada um, o pedido disto ou daquilo, além do que já sabemos que eles precisam. A palavra amiga, o conselho oportuno, a preocupação de manter uma Casa de cento e tal e dar a cada um o nível de educação consoante a sua capacidade.

E no meio de tudo isto desappareço. Na Missa são os rapazes, na meditação são os rapazes, na vida do dia inteiro são os rapazes. E graças a Deus que nunca sou eu. Aquele eu que se doe e melindra e preocupa consigo. O eu—eu. Há só o eu,—outros. Aquele «eu» que incarna no Corpo

Místico de Cristo. E daqui me vem toda a força: do Padre que celebra mais recolhido, que faz melhor a sua meditação e passa o dia mais em lida com Deus. Daí vem a alegria, a força, a Graça. Um muito agradecido meu Deus por tudo o que os outros fazem melhor e eu faço pior, por tudo o que eles fazem e eu não posso fazer. Estas as minhas preocupações para que não sendo as mesmas de todos, saibam que para elas como para as suas, quando não há providências há a Providência. E se a Providência é por nós quem contra nós?

E infelizmente posso queixar-me. Queixar-me diante de clero, nobreza e povo

Esta Casa do Gaiato das Ruas de Lisboa está esquecida na trama das dificuldades sociais. E se para ajudar aparece pouco quem, para não ajudar ou impedir aparece mais. Logo que tenha a devida autorização para vender o Gaiato nas ruas, por Rapazes delas, as coisas ficam mais no seu lugar. Concordo que as portas das Igrejas não são lugares de pôr lixo. Não é que os nossos rapazes cheirem mal. Eles tomam banho todos os sábados e, mudam de roupa. Mas assim o Gaiato, o pregoeiro da Verdade entrará no caminho duma sã valorização: Obra da Rua, Rapazes da Rua, Jornal da Rua.

E já que comecei vamos ao resto. Uma Casa de cem rapazes com panelas de cem litros, muitas torneiras a gastar, tanques de lavar, aparelhagem de rega, moíno e oficinas—e sem água e sem energia. Só com a boa vontade de esperar, vamos dando do que nos sobra e às vezes do que nos faz falta a toda a gente e animais que vivem à nossa roda.

Por último só isto. No sá-

Cont. na página QUATRO

TRIBUNA DE COIMBRA

tar, encontraram-no de calças arregaçadas a esfregar. O Crisanto, que até agora foi chefe da casa de Setúbal, anda agarrado a ver se consegue fazer o 2.º e parte do 5.º O Enguieço quer ser enfermeiro; actualmente é empregado na Gráfica e estuda para tirar o 1.º ciclo. Todos os outros têm as suas obrigações caseiras.

Em férias, cada um pega no trabalho de casa ou de quinta ou das oficinas, como os outros, calçados ou descalços conforme o serviço manda. À mesa e nos dormitórios não há lugares de destaque.

Recordo-me bem de uma reunião mensal de Padres da Rua. Pai Américo nos deixou este pensamento: **professores ou cursos comerciais e industriais sim; formaturas não. A nação precisa de homens que**

trabalhem e não de diplomas em mãos de quem não quer fazer nada. E guiou-se assim e nós queremos seguir do mesmo modo. Aconteceu algumas vezes que já noite alta se despedia a dizer que tinha de ir trabalhar. O Santo Padre Pio XII, que está tão vivo em nós, foi sempre um grande homem de trabalho. Já na agonia pedia que O deixassem trabalhar.

Um jovem brasileiro, filho de portugueses, dizia-nos com muita admiração, que de muitos países que havia visitado, em Portugal notava que a maior parte dos estudantes não fazia mais nada, enquanto nos outros países têm outras obrigações.

Não sabemos se isto corresponderá totalmente à verdade, mas acreditamos que em Portugal há muitos estudantes sem estudo e muitas pessoas formadas, de pouco trabalho e bom ordenado. Daí o procurar-se tanto a cunha. Antes se olhasse ao mérito pessoal!

Padre Horácio

Património dos Pobres

Vem da página UM

quem contempla as que se levantam.

Em companhia de P.e Couceiro subimos a Santo António. A caridade pelos Pobres fez surgir o terreno tão escasso e rateado. Do nada arranhou-se o quê. O amor engenhoso conseguiu servir-se do que ninguém aproveitava para levantar daas casas formosas. Atreveu-se mais e plantou vinha àquelas portas. De modo que os Pobres vão admirar de quantos mimos são objecto prestimoso. É uma curva da estrada; mas a encosta da serra dá grandeza ao conjunto e altas árvores sobranceiras. O amor mais a justiça andam na escolha dos afortunados Pobres.

Dali é um salto à Ribeira Grande, caudalosa no inverno, leite seco no estio. Avista-se de longe, ao dar as curvas da estrada, a mancha negra das pedras amontoadas, do zinco e das tábuas velhas. Junto às barracas informamo-nos de quantas famílias ali vivem. «Somos 46». É um grito de alarme este número e começo de invasão. Homens, oiçam!

Aqui depara-se com o imprevisto. Carroçarias de autocarros usados são fornos a escalear famílias que os habitam, sob a torreira do sol. A chapa ferve. Toda a ilha escoa gente para este recanto. Famílias numerosas, algumas indignamente constituídas (por culpa de quem?) com o sentido do belo amarfanhaço, que ainda traduzem nas flores com que engrinaldam as barracas. Nem uma só sem flores! Barracas floridas, ansia de libertação da miséria e da podridão!

S. Roque é perto. No entanto a encosta faz-nos andar às voltas um pouco de tempo. Avistamo-nos com o pastor daquele rebanho, totalmente fiel à Igreja. E tomamos conhecimento de duas casas acolhedoras onde apeteceia descansar, como em pousada, a contemplar a baía azul do Funchal.

Para pcente, Câmara de Lobos. A densidade populacional é enorme. Vive-se em monte. As famílias desmembram-se e permanecem no mesmo local. Os animais não fazem assim. Cada qual com seu ninho. Os homens não. O mesmo dá para duas e três famílias. Há quartinhos com 13 e mais pessoas. Os sótãos são casas para os filhos que vão constituindo lar. Os pais ali os arrumam, melhor, os deixam ficar. Não há, pois, trovoadas. Não há igualmente vontade eficaz de que as haja. Conformidade, indiferença, letargia, sofrimento, angústia, Igrejas cheias!

A pobre gente tem trepado pelas encostas, onde levantam quatro paredes. Uns cobrem-se com telhas, outros com colmo e muitos abrigam-se nos buracos.

Este recanto pitoresco banhado pelo oceano, levado para o estrangeiro em telas famosas, esconde pecados de omissão das autoridades civis e dos cristãos que o conhecem e se alheiam.

Trepando a encosta, o panorama rasga-se e deslumbra-nos. É a região vinícola por excelência. O solo esconde-se sob as ramadas das vides rasteiras, apoiadas em varas curtas. Chegados ao Estreito encaminhamo-nos para o local onde pároco e videntes deram mãos para erguer duas casitas tipicamente madeirenses. Cozinha em separado Quartos ao lado. Horta em frente, a garantir o caldo verde. Vieram de currais aqueies moradores. Tudo mais, é pois, sempre melhor. Não falta o entusiasmo transbordante. No regresso vamos contanto as portas de madeira a esconder cavidades abertas na rocha, onde famílias se abrigam. Quantas? Tempos nossos e não de ontem!

Senti-me vexado, envergonhado, a primeira vez que transpus um destes esconderijos. Que Deus não me tire o rubor das faces ao transpor mais abrigos semelhantes. Alguns estão branqueados, mas continuam a ser o que são

Padre Baptista

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

OS DEZ CONTOS: Quisera dizer quanto falta. Mas... estamos ainda tão áquém dos 10.000\$00! Nem admira. Saco roto e por mais remendos... é sempre um remendo. A não ser que se substitua por novo. Pois que venha de lá Senhora ou Cavalheiro disposto. Então, com mais coragem, vamos pelo livro de contas, sem arrepios.

Entretanto, vamo-nos servindo do saco velho, remendado... Até quando?

Muito a-propósito: tenho na minha frente o rol dos nossos Pobres. São dezasseis. Dezasseis famílias qual delas a mais numerosa. Ora os auxílios que, mensalmente, a gente espalha por suas casas, só em dinheiro, somam nada menos de 1.240\$00. Por aqui se avalia da qualidade do saco...

x x x

O QUE RECEBEMOS. Como em número anterior não foi possível inserir esta crónica, o que segue é obra de um mês. Prestem atenção, por favor.

Damos primazia ao pequenino novo-ope da Conferência do Beato Nuno, de Braga, com 152\$00. Mais que a importância, vale a conta em que nos tem essa pléiade de Amigos, cujo Amor se define na doação de dois a mais alto Ideal. Graças a Deus.

Agora uma carta irresistível: «Amigos. Acabo de ser pai duma menina encantadora. Minha Mulher foi muito feliz no parto apesar de ser o primeiro filho. Graças a Deus tem leite em abundância o que nos facilita a vida com a amamentação. Em acção de graças por tantos benefícios concedidos envio um cheque de 1.000\$00 que se destina à Conferência para leite aos bebés cujas mães não têm a felicidade de poder amamentar seus filhos». Não há; não há alegria maior na terra, para os pais, que o nascimento do primeiro filho. Não se resiste. Comunica-se a tudo e a todos. São duas almas cheias, que desprenderam uma molécula do seu Amor. Não se resiste e canta-se glória a Deus — Autor e Senhor da Criação. Não se repararam naquele «Graças a Deus tem leite em abundância... e em acção de graças... envio um cheque... para leite aos bebés cujas mães não têm». Isto é formoso. Isto serve para condenação daquelas mães ricas que, para não terem maçadas e estarem desocupadas, secam, crininosamente, o leite que Deus manda. É a canasta. É a vida airada. É um sem número de coisas que a sociedade

Os anos de Pai Américo

Cont. da página UM

Pelas outras Casas do Gaiato houve lembranças simples, mas muito íntimas e cheias de conteúdo, semelhantes às que aqui estou contando.

E aqui têm os nossos leitores, que, extra-muros, prolongam, por seu amor a nós, a Família da Obra da Rua, de como foram passados os 71 anos de Pai Américo.

O Fonseca e a Maria Amélia casaram no dia dos anos de Pai Américo.



AQUI, LISBOA!

Cont. da pág. Três

bado roubaram-nos todos os coelhos. Já foram galinhas, porcos, coisas da dispensa e roupa dos rapazes. Esta casa tem um modo muito estranho de fazer o... mal. É deixar-se comer. Doutrina de autores espirituais, mas não para gente sem fé. Quem nos arranja um relógio de guarda nocturno? É a última preocupação.

Padre José Maria

Peregrinação a Lourdes

Vem do número anterior

Como estava na hora e nós com apetite, seguimos para o hotel, para nos safarmos como pudéssemos. Mala; no carro e toca a andar. Eram 2 horas quando debandamos de Salamanca.

O panorama depois de poucos quilómetros percorridos, voltava a ser o de antes da cidade.

Sempre em bom andamento e no meio da comodidade que os carros nos ofereciam, a tornar a viagem mais alegre, passamos Castelhana, Pronúncia, Seteiglesias.

Entramos na Província de Valladolid, essencialmente agrícola. Aqui há mais água e, por consequência, os campos mais verdinhos e fecundos. A água é o sangue da terra. Havendo fatura de água, há fatura nas nossas mesas. Vemo: campos enormes, todos cheios de beterra-

ba, destinada ao fabrico de açúcar.

Já divisamos a cidade e daqui a pouco tempo vamos entrar nela. Por uma ponte e precisamente na parte nova, que se estende a sul. Ergue-se para o ar como nas grandes cidades modernas, esta cabeça de Província. Com seus jardins, bem tratados, servida por óptimas vias. Uma cidade que se adivinha grandiosa num futuro próximo. Paramos para visitar o Grande Museu Nacional de Escultura. Foi breve, pois não estava no programa e tínhamos muito que andar. Só se fica a dever isto ao Sr. Padre Martins.

É um Museu mui grandioso de tão grandes as suas obras! Abunda aqui a escultura religiosa. A vida de Cristo encontra-se fielmente retratada, pelos mais consagrados artistas. Este museu, o melhor de Espanha, encontra-se instalado num dos antigos conventos beneditinos. Passam diante de nossos olhos estátuas de todos os tamanhos, formas e feitios. Talhas vistosas e com significado mui grande. Passos gigantescos da história da nação vizinha, também nos são dados ver. São tantas e tão grandes coisas que, para não profanar com a nossa falta de arte, não transmitimos nas colunas deste periódico.

* *

Quem tinha muitas pesetas foi tomar qualquer coisa. Os pintasilgos ficaram à margem, porque havia muitos dias e as que se iam não voltavam mais. Era um caso sério. Mas não deixamos de ser animados na mesma. De mais a mais que as pessoas já estavam a habituar-se a nós e era gaiato abaixo, gaiato acima. Eles a tirar e pôr malas, sempre eles e mais eles.

Partimos a caminho da cidade de Burgos, onde pernoitamos no Hotel Avila. Não gostamos do comer. Muito diferente do nosso. E o físico começava a ressentir-se.

Depois do jantar, fomos dar uma volta à cidade. Acercamo-nos do seu habitual retiro, onde se destacava a flor da mocidade. Meninas lindas, que era um prazer vê-las sorrir para os portugueses. Algumas ainda se meteram connosco por levarmos uma camurcine vermelha. Diziam em ar alegre que íamos aos toiros. Começaram a puxar-nos pela casaca e nós já estávamos a gostar da brincadeira...

Daniel Borges da Silva
(CONTINUA)

SETÚBAL

Cont. da 3.ª página

A miséria material pode tirar tudo, o amor materno, quando, florido e quente, nem este mundo e o outro o podem roubar.

O Carlitos, hoje, não tomou café. Escondeu-se, e, de manhã ainda, pôs-se a caminho de Setúbal em busca dos beijos de ontem. Fui eu quem o apanhou. Mãos na cara a disfarçar, cabeça baixa, olhos grandes arrazados em lágrimas: «eu quero a minha mãe». Eu tive tanta pena de, neste momento, não ser aquela mãe p'ra dizer a este meu filho: — Anda querido p'ra nossa casa que a tua mãe sou eu.

Padre Acílio

dessas gentes. Ali é Portugal e que Portugal! Laura Costa segue com 40\$00. E metade de Carlos Carvalho, que desabafa: «Entendo que com o vosso, digo, nosso grande Famoso não devem existir caloteiros, tal é a categoria deste». Que os assinantes caloteiros ponham, aqui, os olhos. E os costumados 40\$00 da assinante 17022. E 100\$00 de uma Senhora da Murtosa, ora em Aveiro, que tivemos o prazer de cumprimentar na nossa aldeia. E 20\$00 do Porto, assinante 24471. E 50\$00 da «Tou'negra do Moínho». Quem será? E 100\$00 no Espelho da Moda, da assinante 5893. E 30\$00, também, no Depósito. E 50\$00 do nosso vizinho e afamado horticultor Abel Moreira Barbosa. Olhe que a assinatura está mais que em dia. E 20\$00 de Maria F. Braga, de Lisboa: E o mesmo de Marinha das Ondas. E, pronto, mais nada!

Júlio Mendes